

ENSAIO N°1

-Não! Claro que não vivemos em liberdade!

-Mas nós temos eleições! O povo vota, escolhe seu líder. Nós vivemos em liberdade.

-Errou de novo! Será que não entende? O povo pode até votar. Mas, e a qualidade do eleitor, qual que é? Todos sabemos que grande parte da população do nosso país é de pessoas analfabetas. Será que a maioria, em casos assim, não está mais sujeita a cometer erros que a minoria?

-E por causa disso você acha que líderes que não seriam os ideais para um país poderiam ser eleitos?

-Não tenho dúvida disso! Basta olhar a história. Muitos dos piores ditadores que já governaram os destinos da humanidade foram eleitos pelo povo.

-Mas ainda assim podemos viver em liberdade...

-Errou de novo! O governo suga os recursos da nação através de tributos, impostos, taxas e cobranças abusivas que assombram o povo. Quase toda a vigilância que se diz ser feita para a nossa proteção na verdade é para monitorar nossos próprios movimentos. Prova disso é que, quando você precisa das imagens das câmaras de um local onde sofreu algum tipo de abuso, elas nunca estão disponíveis. Só os órgãos do governo podem obtê-las imediatamente.

-Pô! Mas assim não dá! Eu quero ter a minha privacidade!

-Pode esquecer!

-Mas se esses caras não nos protegem quando precisamos, então não precisamos deles! Esses caras têm que cair fora! Se esses caras não usam a grana que eu pago em meu benefício, eu é que não vou pagar mais nada. Agora vou mais apoiar quem queira derrubar esses vagabundos, quem sabe até os terroristas sejam melhores que os que estão aí.

-Eu já tentei isso antes e pode crer que não deu certo. Violência gera mais violência. O negócio, é atacar com humor.

-Humor?

-Isso! Com humor você muitas vezes mostra o que está acontecendo de ruim de um jeito engraçado. Aí é que se percebe o ridículo da coisa.

-E resolve?

-Com humor vai se atacando a podridão assim como o cupim consome a madeira. Chega uma hora que a situação está tão exposta que alguém acaba tendo de colocar ordem na casa.

-Sem violência?

-Sem violência e com o respaldo do povo.

-Sua filosofia é convincente. Acho que vou continuar desenhando as minhas charges. Quem sabe, no futuro, elas possam contribuir com a melhoria das coisas... Só espero não pegar uma cana por isso.

-Seus fãs ficariam revoltados! Aí sim teríamos uma revolução.

Despedi do meu gurú e saí pelas ruas pensando nas suas palavras.

A aquela idéia poderia dar certo, mesmo que demorasse um pouco.

Encostei numa banca de jornais e fiquei vendo as manchetes que sempre se repetiam: escândalos políticos, econômicos, guerras, matanças, assaltos, crimes, desrespeito...

O dia era perfeito para fazer algumas criações e desenhar.

O gurú tinha razão. O negócio era desenhar para ver se ajudava a consertar ou

melhorar o mundo.

De-repente, uma viatura da polícia dobrou a esquina à toda velocidade vindo na minha direção.

Um dos policiais apontou na minha direção dizendo:

-É ele mesmo! Mata o cara!

Outro não vacilou. Sacou uma metralhadora, apontou-a na minha direção e mandou chumbo.

Não tive nem tempo de dizer nada e caí no chão.

-Acertei o cara.

Os policiais desceram da viatura e me cercaram.

-Esse aí já era, meu!

-Podi crê! Mas não era o bandido não.

-Quê?????

-Não era o bandido! Pensei que fosse mas não é. Me enganei!

-Putá merda meu! Você só dá bola fora! Só faz cagada, caralho! Vamo dá o fora daqui.

Os policiais subiram na viatura e se mandaram.

Alí deitado no chão, agonizando, ainda fiquei pensando:

-Estava às portas da morte. Mesmo assim, ainda percebia tudo que ocorria ao meu redor.

Permaneci assim por um bom tempo.

Determinado momento, achei até que não tivesse mais vivo apesar de perceber tudo o que ocorria ao meu redor.

Meia hora depois de ser alvejado, um cara tropeçou no meu corpo.

Antes de chamar alguém, ele limpou a minha carteira levando os poucos trocados que lá haviam.

O serviço médico chegou juntamente com algumas moscas que começaram a fazer vôos rasantes sobre mim.

A constatação deles foi a pior possível.

-Esse aí tá morto! Leva para o necrotério.

Será que eu realmente estava morto. Morrer era assim?

Que merda!

Me pegaram pelos braços e pernas como um saco de batatas e me jogaram de qualquer jeito dentro da ambulância.

Não senti nada. Absolutamente nada.

Apenas via e ouvia as coisas que ocorriam ao meu redor.

Pude perceber que o motorista da ambulância corria bastante. Parecia com pressa.

-Vai devagar, meu. Esse aí já tá morto! Não dá mais para salvar não.

-Eu tô ligado, cara! É que eu quero chegar logo cedo para ver se ainda traço a loirinha.

Pelo jeito dos caras, eu estava morto mesmo.

Senti uma grande angústia. Não tinha trinta anos e já estava a caminho do pijama de madeira.

Comecei a me lembrar do passado e verifiquei que não consegui realizar metade das coisas que sempre sonhei.

No necrotério, os caras me jogaram em cima de uma mesa de mármore.

Uma enfermeira loura e muito gostosa olhou para mim e disse:

-Pena que morreu! Até que era bonitinho.

Passei a vida inteira sonhando em transar com uma gostosa como ela e nunca

consegui. Agora, depois de morto, me aparece uma dessas...

Fui coberto com um pano branco.

Depois de muito tempo, apareceu alguém para me reconhecer; era um amigo.

-Viado do caralho! O desgraçado morreu e não me pagou a grana que tava me devendo. Filho da puta! É ele mesmo

Meus parentes, para não tocarem na sujeira do meu corpo, encaminharam-me pra uma agência funerária especializada em dar uma aparência mais saudável ao defunto.

Lá, foi feita uma análise detalhada do que sobrou de mim.

O dono da empresa foi então chamado.

-Esse aqui não tem nada para extrair. Nem dente de ouro.

-Faz um servicinho simples e coloca 5% a mais no valor final.

Os caras me vestiram um paletó, gravata e me enfiaram no caixão.

-Tá feito, chefe!

-Manda pro necrotério. Vou sair com a minha secretária...

Já no pijama de madeira, onde passaria todo o resto da minha existência, refletia sobre o que percebia.

-Esse cara é que leva a vida. Deve ganhar uma grana preta com funerais, sai com a secretária... Quisera eu poder ter vivido assim.

Logo fui levado de volta para o necrotério.

Lá, ouvi alguém dizendo:

-Até para morrer esse bosta deu prejuízo! Olha só o tamanho da conta!

Legal morrer sabendo que passei a vida cercado de gente bacana.

Melhor ainda quando penso em tudo que eu gostaria de ter feito.

Ambicionava até ajudar a concertar o mundo fazendo desenhos bem humorados.

Meu gurú também apareceu no velório.

Pensei comigo mesmo:

-Agora ele vai usar os seus poderes mágicos e eu vou sair andando daqui...

-Coitado. Passei um tempão enrolando ele com uma conversa idiota para ver se tirava um dinheirinho...

Mesmo de dentro do caixão fiquei vendo o monte de gente que veio se despedir.

Mulher gostosa apaixonada que era bom, nada! Só os cobradores!

Não passou muito tempo e a tampa da minha nova moradia foi fechada.

Mais tarde, abriram-na novamente.

Deparei-me com um padre que jogou água benta na minha cara.

De todo o besteiro que ele proferiu, só prestei atenção quando disse:

-Que Deus acolha a alma desta pobre criatura no Reino dos Céus.

Foi então que um pensamento terrível me colheu em cheio!

-Estou morto! E agora? Irei para o céu ou para o inferno?

Tentei repassar toda a minha vida e lembrei-me de tudo o que fiz.

Com certeza, eu não merecia o paraíso, mas, o inferno era barra pesada demais para um sujeito como eu.

Meu caixão foi colocado num buraco.

Logo depois, vi os coveiros jogarem terra nele.

Mais tarde, tudo estava acabado.

Céu ou Inferno? Que seria de mim?

A escuridão me amedrontava. O que o destino reservara para a minha alma?

Subitamente, na parede lateral do meu caixão, abriu-se uma porta, de onde saiu um demônio.

-Ei você! Levante-se!

Não sei porquê, só então consegui me movimentar.

Segui o demônio abandonando meu corpo ao esquecimento.

Descemos por um longo e tenebroso túnel cravado nas rochas.

Finalmente, chegamos a uma grande sala de paredes vermelhas onde, no centro havia um terminal de computador com uma impressora.

-Aqui é a Sala do Julgamento.

Dei meu nome e demais dados ao demônio que os digitou no tal terminal.

Em seguida, a impressora vomitou diversas folhas.

O demônio tinha então meus dados em suas mãos.

-Você não vai para o paraíso.

-Ei! Eu não fiz nada de grave para merecer o inferno. Sempre agi dentro das Leis.

-Mentiroso, quando garoto, você roubava dinheiro dos pais para comprar revistas em quadrinhos. Só aí já infringiu uma das Leis principais. Temos aqui outros desvios. Vejamos: não se contentava com uma mulher chegando mesmo a desejar a do próximo. Nunca amou ao próximo como a si mesmo. Desacreditava a religião. Escrevia e desenhava material subversivo. Corria em alta velocidade expondo a vida dos outros ao perigo.

O demônio fez uma pausa, respirou profundamente e perguntou:

-Você acha que ainda merece o paraíso?

-Deve ter alguma coisa errada... Eu...

-Cale-se. Lá em cima, ninguém erra. O chefe é muito rigoroso com a auditoria de almas. Agora siga-me.

Atravessamos uma porta com a seguinte identificação: ANTE SALA DO INFERNO.

Demos então num longo corredor com diversas janelas de vidro.

Em cada uma delas, era possível enxergar almas sentadas em cadeiras elétricas sendo duramente torturadas.

-Que fizeram estes sujeitos?

-São assassinos e outros tipos inescrupulosos que pertencem ao inferno. Eles estão tendo um descanso agora.

-Descanso?

-É. Só para variar um pouco e não entediar os condenados com as mesmas torturas de sempre. O Gerente Geral do Inferno procura sempre dar uma mudada nas coisas por aqui. Ele gosta de novidades.

-Vou ficar aí?

-Não! - Respondeu o demônio dando um suspiro de tristeza. - Você vai para o purgatório. Por sorte não perdeu na sua carteira o número de pontos necessários para ir ao inferno.

-Como são as coisas por lá?

-Você vai saber. Ou fica lá para sempre, ou se arrepende logo e vai para o paraíso.

Caminhamos mais um pouco e paramos diante de uma porta de madeira.

-Você segue adiante. - O demônio me disse.

Dizendo isso, ele abriu a porta para mim.
Mesmo tendo deixado meu corpo para trás, senti um frio onde ficava a barriga.
Chegara a hora da verdade.

Atravessei a porta e ouvi ela se fechar atrás de mim com um sonoro BLAM!
Deparei-me com uma longa escadaria de mármore branca que dava num jardim.
Passei pelas escadas e cheguei até este jardim.
Notei que as folhas dele eram de uma planta que em muitos países na Terra dos vivos ainda era de porte e comércio proibido.
Caminhei pelo jardim cheio de canteiros de cogumelos e maravilhei-me com o sol que brilhava no céu ao lado de um arco-íris.
Aproximei-me de uma árvore, peguei a maçã e comecei a comê-la.
Tinha realmente gosto de maçã. Como na Terra.
Andei mais um pouco e vi algo que só seria possível no reino dos Mortos.
Celebidades do passado que também já não se encontravam mais entre os vivos trocando idéias tranquilamente.
Logo, encontrei um balcão de informações onde estava sentada uma linda morena:
-O purgatório fica aonde? - Perguntei para ela
-É aqui mesmo.
-Mas aqui parece mais com o paraíso.
-Não! Aqui não é o paraíso. Este é reservado para as pessoas que passaram toda a sua vida dedicando-se aos outros, às causas nobres, ao bem...
Mesmo assim eu estava gostando dali...
Mas, as surpresas ainda não terminaram.
-Você tem direito a um veículo para sua locomoção. O que deseja?
-Uma motocicleta super esportiva último tipo.
Não demorou nada, e apareceu uma loiríssima linda pilotando a moto do jeito que eu tinha pedido.
-Bem vindo ao purgatório. - Disse a morena. - Ela será sua acompanhante por aqui.
-E o paraíso? É legal? - Indaguei eu curioso.
-O paraíso, - disse ela - é a Terra. O chefe acha que, mandando de volta para lá as pessoas de boa alma, ela um dia voltará a ser um lugar bom e cheio de virtudes.
Relembrei as palavras do demônio:
-Ou você fica no purgatório para sempre, ou se arrepende dos pecados e parte para o paraíso.
Relembrei de tudo pelo que passara em vida na Terra, nas decepções que tive em morte e dei uma sonora gargalhada.
Minha escolha estava feita.
